



A INTERAÇÃO FICCIONAL PELA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA: UM ESTUDO DE FÁBULAS

Mayara Macedo Assis (UFG, PPGLL, NELIM, CNPQ)

Zilda Dourado Pinheiro (UEG, NELIM)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG, NELIM, CNPQ)

Abstract: The objective of this article is to present an initial study on fictional interactions from the perspective of Ecosystem Discourse Analysis (EDA). Some considerations are made about the articulation between EDA and literature, more specifically the narrative, as well as about what is understood here by fiction, starting from the notion of mimesis. Aspects of fictional interaction are presented having as corpus a fable by Aesop and two versions created by Monteiro Lobato: “A cigarra e a formiga”, “A formiga boa” and “A formiga má”. In the analysis of the fables, the focussing method is used, in which it is chosen to focus on the interactions that occur in the narrative in its immanence, disregarding the production and reception of the fables. The study of the fables enabled the construction of a theoretical model of analysis of narratives according to the EDA. It is expected, with this, to expand the possibilities of studying narratives using EDA assumptions as a theoretical framework.

Key-words: Ecological Discourse Analysis; Fictional interaction; Fable.

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de apresentar um estudo inicial sobre as interações ficcionais na perspectiva da Análise do Discurso Ecológico (ADE). Para isso, são tecidas

ECO-REBEL

algumas considerações acerca da articulação entre ADE e literatura, mais especificamente a narrativa, bem como sobre o que se entende aqui por ficção, partindo-se da noção de mimesis. Os aspectos da interação ficcional são apresentados tendo-se como *corpus* uma fábula de Esopo e duas versões criadas por Monteiro Lobato: “A cigarra e a formiga”, “A formiga boa” e “A formiga má”. Na análise das fábulas, utiliza-se o método da focalização, no qual se opta por focalizar as interações que ocorrem na narrativa em sua imanência, desconsiderando aqui a produção e recepção das obras. O estudo das fábulas possibilitou a construção de um modelo teórico de análise de narrativas segundo a ADE. Espera-se, com isso, ampliar as possibilidades de estudo de narrativas utilizando-se como arcabouço teórico os pressupostos da ADE.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Ecológica. Interação ficcional. Fábula.

1. Introdução

Para a Análise do Discurso Ecológica (ADE), a língua é a própria interação, visto que ela nasce e morre nos atos de interação comunicativa e é neles que as regras sistêmicas surgem. Tendo isso em vista, foram sistematizados os tipos de interação que podem ser observadas dentro dos ecossistemas, sendo elas a face a face (prototípica), a virtual e a potencial. Cada uma delas, apesar de diferentes, mantém os mesmos elementos – interactantes, tempo e espaço – com suas variações dentro de seus respectivos contextos.

Aspectos da interação	Tipos de interação		
	Face a face	Virtual	Potencial
Interactantes	Falantes presentes	Falante-interlocutor	Escritor/leitor potencial
Tempo	Sincrônico	Sincrônico/Assincrônico	Assincrônico
Espaço	Território, espaço em que os indivíduos se encontram	Território, espaço virtual	Território, espaço potencial

Fonte: Couto & Fernandes (2021)

A ADE pode se dedicar ao estudo de qualquer tipo de texto-discurso. Dessa forma, com o crescente número de trabalhos que tem sido realizados na área nos últimos anos, ocorreu também uma expansão dos objetos de pesquisa, de modo que textos literários, mais especificamente narrativas, começaram a ser também estudados. Considerando que a literatura como um todo e a

ECO-REBEL

narrativa têm as suas peculiaridades, surgiu a necessidade de se pensar na interação ficcional, não englobada pelos tipos de interações já sistematizados.

A interação entre escritor e leitor já é contemplada pela potencial, entretanto, não é ela o foco aqui. O objetivo é pensar nas interações que ocorrem dentro da própria narrativa, ou seja, na narrativa em sua imanência, com os elementos interactantes, tempo e espaço existindo em um contexto ficcional. É importante também ressaltar que a ficção não é aqui pensada como algo inventado e/ou fantasioso, como dita o senso comum, mas sim na sua particularidade de representar a realidade por meio de uma imitação criadora, a mimesis.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo inicial a respeito da interação comunicativa ficcional, analisando seus elementos e suas peculiaridades. Para isso, primeiramente são necessárias algumas considerações sobre a literatura e a mimesis, a fim de se compreender o que está sendo chamado aqui de ficção. Em sequência, os aspectos da interação comunicativa ficcional são apresentados em consonância com a análise de uma fábula de Esopo e de duas versões criadas por Monteiro Lobato, sendo elas: “A cigarra e a formiga”, “A formiga boa” e “A formiga má”. Espera-se, com essas análises introdutórias, demonstrar de que modo as interações comunicativas ficcionais podem ser estudadas no âmbito da ADE, assim impulsionando futuros estudos nessa perspectiva.

2. Análise do discurso ecossistêmica e literatura

A Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE) é uma nova forma de se fazer análise do discurso que surgiu no seio da Ecolinguística. De acordo com Couto (2016), a Ecolinguística é um entrelugar da Ecologia e da Linguística, o que constrói uma perspectiva ecológica para o estudo da linguagem, a partir do conceito de ecossistema. Este é constituído pelo conjunto das interações entre os organismos em seu meio ambiente/território. No interior dessas inter-relações, a língua é o elemento mais importante, pois por meio dela ocorre a comunicação entre os falantes de um território.

Por isso, para a Ecolinguística, a língua é a própria interação comunicativa. Essas interações apresentam elementos capazes de formar outros três meios ambientes dentro do ecossistema linguístico, que são os meios ambientes mental, social e natural. Além disso, no momento da pesquisa, o ecossistema é delimitado pelo próprio pesquisador de acordo com os seus

ECO-REBEL

objetivos. Neste trabalho, consideram-se pequenas comunidades de fala ficcionais como objeto de análise.

Neste contexto, surgiu a ADE com o objetivo de analisar e compreender como os discursos emergem dos ecossistemas linguísticos e os sentidos são construídos, levando-se em conta as dimensões natural, mental e social já mencionadas (COUTO & FERNANDES, 2021). Nessa perspectiva, o discurso é entendido como “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (SILVA, 2022, p. 19). Ou seja, trata-se de uma visão de mundo e, ao mesmo tempo, de um modo de conduta. Isso não significa que a ADE não considera a ideologia em suas análises, mas que, ao invés de focar em relações de poder e contradições sociais, prioriza a ideologia da vida ou ecoideologia.

Isso ocorre por a ADE ter como base a Ecologia, assim trazendo inovações e perspectivas diferentes das já abordadas, procurando enxergar o mundo de modo ecocêntrico e não antropocêntrico, exaltando a diversidade, enfatizando a harmonia e não o conflito, dentre outros. A ideia central é agir segundo um ponto de vista ecológico, que também pode ser chamado de visão ecológica de mundo (VEM), voltando-se para a ideologia da vida (ecoideologia). Seus princípios base são a luta contra o sofrimento evitável e a preservação da vida.

Conforme já foi mencionado, os objetos de estudo da ADE foram se expandindo conforme o crescimento da disciplina. Como ela pode se dedicar ao estudo de qualquer texto-discurso, textos literários também se tornam objetos de interesse. Aqui, é importante repensar a noção de ficção como uma “mentira”, como é normalmente difundida pelo senso comum, mas sim considerá-la como uma imitação que potencializa a realidade.

A ideia da arte como imitação, também chamada de mímese, vem desde a *Poética* de Aristóteles, segundo o qual as produções artísticas – aqui, especificamente, a narração – são imitações de pessoas em ação. Imitar, entretanto, não consiste em copiar, e sim em absorver a essência da realidade e recriá-la, originando um novo universo (ARISTÓTELES, 1979). Trata-se de um processo congênito ao homem, ou seja, a mimesis não é um processo exclusivamente artístico, e sim natural ao ser humano. Está intimamente relacionada com o aprendizado, com a assimilação do ambiente que nos rodeia e com a representação, não só da realidade, mas das coisas possíveis de acontecerem, desde que sejam verossímeis.

ECO-REBEL

Desde então, este conceito tem sido utilizado nos estudos envolvendo literatura, bem como também reformulado por outros teóricos. Um deles é Ricoeur (1983), que se dedica ao assunto. O autor postula que a mimesis é não apenas uma imitação, mas uma imitação criadora, que exige um conhecimento do agir humano para então tornar a experiência simbolizável e comunicável. Sendo assim, é possível dizer que uma narrativa dá forma e extensão a uma experiência, atribuindo sentido a ela. Conforme afirma Heitich (2010, p. 3), "a mimese é aqui entendida enquanto apreensão da experiência vivida entremeada pela imaginação".

É a partir dessas considerações que se assegura o lugar da literatura como uma representação e/ou recriação da realidade. Não se trata de apenas um mundo imaginado pela mente de um autor, mas sim de um sentido atribuído às ações humanas, tendo como base um mundo e uma experiência que são narráveis. Dessa forma, trata-se de um terreno fecundo para averiguar os discursos que estão presentes em nossa sociedade.

No que diz respeito às fábulas, que é o gênero aqui em análise, há algumas peculiaridades nesse processo de representação/recriação da realidade. As fábulas são narrativas de origem grega que foram criadas no Oriente da Grécia Antiga por um homem escravizado chamado Esopo (564 a.C). Ele foi um escritor de nacionalidade turca que foi vendido como escravo. Viajou pelo mundo até parar na Grécia Antiga, onde começou a se interessar pela composição das fábulas, tornando-se conhecido como o criador das narrativas com animais falantes.

Em todos os lugares que passava, contava suas narrativas sobre animais com características humanas e com lição de moral ao final das histórias. Os animais desempenhavam papéis importantes, pois estes tomavam o lugar dos homens, dando sentido à história. As fábulas mais conhecidas são: "A Lebre e a Tartaruga", "A Cigarra e a Formiga", "O Leão e o Rato", dentre outras.

Este gênero infantil faz sucesso entre as crianças por apresentar histórias com animais falantes que apresentam características humanas. Alguns dos animais representados nas narrativas são o leão que remete à força animal, a coruja à sabedoria, a raposa à astúcia, a formiga ao trabalho, enfim, são vários animais que possuem simbologias que se referem aos seres humanos. Ao final das narrativas, as fábulas apresentam lições de moral com o intuito de transmitir aos leitores ensinamentos sobre valores.

Segundo Coelho (2000, p. 165), a fábula é uma "narrativa de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade". Assim,

ECO-REBEL

as fábulas são definidas como curtas histórias que narram situações do cotidiano, e os personagens são animais ou seres inanimados falantes que pensam e agem como seres humanos, representando as virtudes e o caráter do homem, confluindo para uma lição de moral com a intenção de incutir nos leitores comportamentos que são tidos como corretos para a sociedade.

No Brasil, Monteiro Lobato foi um dos primeiros escritores a se destacar neste gênero literário. Ele escreveu a primeira estória infantil para as escolas no ano de 1921, publicada no livro *Narizinho Arrebitado*. Esta obra foi de grande sucesso, o que fez com que o autor prolongasse as aventuras dos personagens em outras obras, logo depois adaptadas para um seriado de televisão, *Sítio do Pica-pau Amarelo*, tendo várias versões. Assim, Monteiro Lobato foi consagrado como o precursor da literatura infanto-juvenil no Brasil. *Sítio do Pica-pau Amarelo* é formada por 23 livros sobre diferentes temas; dentre eles, há uma obra intitulada *Fábulas*, em que Monteiro Lobato apresenta diferentes versões para as fábulas de Esopo e de La Fontaine.

3. A interação comunicativa ficcional nas fábulas

Quando se fala em interação ficcional, é a narrativa em sua imanência que está sendo levada em consideração. A interação entre autor e leitor é contemplada pela interação potencial e, na literatura, pela estética da recepção. Porém, antes de adentrar nos textos literários propriamente ditos, é preciso especificar exatamente no que consiste uma narrativa para a ADE. A narrativa, assim como outros tipos de manifestações literárias, consiste em uma imitação, conforme já mencionado, na perspectiva do ser humano, que é o único animal capaz de fabulação. Há redes de interações no seu interior, sendo elas nos níveis: (1) mental – metáforas e símbolos – (2) social – personagens e narradores com visões de mundo, conflitos e vivências – e (3) natural – marcação temporal e espacial.

São essas interações que criam os efeitos de sentido na narrativa. A fábula, especificamente, mostra uma perspectiva humana – por meio dos animais personificados – sobre o meio ambiente, por isso foram escolhidos como primeiro estudo. Dessa forma, as fábulas “A cigarra e a formiga”, “A formiga boa” e “A formiga má” serão apresentadas para uma posterior análise de seus elementos. É importante mencionar que as fábulas compartilham dos mesmos personagens e da mesma ambientação. As diferenças entre essas três narrativas estão relacionadas ao enredo e à moral da história, sendo elas percebidas justamente nas interações.

ECO-REBEL

A fábula de Esopo, “A cigarra e a formiga”, conta a história da cigarra cantora e da formiga trabalhadora. A cigarra passava o tempo todo cantando, enquanto as formigas trabalhavam arduamente. Quando chegou o inverno, a cigarra se viu sozinha, com fome e com frio, então ela pediu ajuda à formiga. Ela, por sua vez, prontamente acolheu a cigarra em sua casa, dando-lhe comida e abrigo por todo o inverno. Assim, quando voltou a primavera, a cigarra voltou a cantar para alegrar o trabalho árduo das formigas. Por fim, essa fábula traz a seguinte lição de moral: “trabalhe duro hoje e poderá colher os frutos amanhã” (ESOPO, 2020, p. 9).

As fábulas “A formiga boa” e “A formiga má” compõem a parte do livro *Fábulas* da série do *Sítio do Pica-pau Amarelo*. Nessa obra, a Dona Benta reconta fábulas clássicas para as personagens Narizinho, Pedrinho e a boneca Emília. A referida parte se chama “A cigarra e as formigas”. Assim, a fábula da “Formiga boa” mantém o enredo de Esopo, mas não apresenta nenhuma moral. Já a fábula “A formiga má” apresenta um final diferente, em que a formiga rejeita a cigarra e a deixa morrer de fome e de frio. Esse desfecho é seguido pela seguinte lição de moral: “os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade” (LOBATO, 2008, p. 28).

Essas narrativas demonstram uma representação figurativa de um ecossistema, pois é possível identificar um território, uma comunidade e uma interação comunicativa. Pode-se pensar nesse ecossistema ficcional como um conjunto de relações que se dão no interior da narrativa. O território é a floresta onde vivem a comunidade das formigas e a cigarra. As personagens cigarra e as formigas formam uma comunidade que interagem entre si por meio da língua. As interações, entretanto, vão além daquelas que ocorrem entre personagens. Em uma narrativa, as principais interações que podem ocorrer são: entre personagem e personagem, personagem e espaço, personagem e narrador.

Além disso, é importante ressaltar que existem dois tipos de interação. Em qualquer ecossistema linguístico, há a interação pessoa-pessoa, ou seja, entre os próprios membros da comunidade de fala, e interação pessoa-mundo, ou seja, entre os falantes e o seu entorno. A primeira consiste na comunicação e a segunda na referenciação. “Essas duas interações formam as duas faces da língua [...] Afinal, nós comunicamos referindo-nos a algo e referimos a algo comunicando” (COUTO, 2017, p. 51). Tal distinção é importante aqui devido ao fato de que se tem a comunicação nos diálogos entre personagens, mas no que diz respeito a narrador e espaço, trata-se de referenciação.

ECO-REBEL

Ao se observar as redes de interação natural, mental e social presentes na narrativa, essas diferentes interações e os sentidos advindos delas emergem no ecossistema, permitindo assim identificar os discursos veiculados no texto. Assim, apresenta-se abaixo uma análise dessas interações, ao final expondo uma síntese dos aspectos da interação ficcional que podem ser aplicados em outras análises.

No que diz respeito ao espaço, não basta identificar o território que compõe aquele ecossistema. É preciso pensar o espaço em sua dimensão ficcional, ou seja, não se trata de apenas um elemento que constitui o ecossistema e situa a narrativa, mas sim de um constructo que pode adquirir diversas funções dentro do enredo, tais como caracterizar as personagens, impulsionar a ação e representar ou contrastar os sentimentos vividos pelos personagens (BORGES FILHO, 2007).

Além disso, Borges Filho (2007) também fala sobre a possibilidade de dividir o espaço ficcional em três tipos, tendo sempre a realidade como parâmetro. Dessa forma, tem-se o espaço (1) realista, em que a narrativa faz referência a espaços que de fato existem no mundo real, conferindo verossimilhança à obra; (2) imaginativo, cujos espaços mencionados na obra não existem no mundo real, mas se assemelham a espaços existentes; e (3) fantasista, que são espaços que não seguem as regras do nosso mundo natural, característicos da literatura fantástica, distópica e ficção científica. Após essa delimitação mais ampla, o autor fala ainda sobre a possibilidade de identificar macroespaços – que seriam, por exemplo, a oposição entre campo e cidade, América e Europa, dentre outros – e microespaços, que são inúmeros, mas sempre se enquadram em cenário ou natureza, ou seja, espaços criados pelo homem ou não.

Nas fábulas aqui em análise, o espaço se enquadra no imaginativo, visto que não especifica nenhum local de fato existente, mas se assemelha a espaços conhecidos que fazem parte do repertório de mundo dos leitores. As três fábulas apresentam elementos linguísticos que representam o meio ambiente natural e permitem ao leitor caracterizar os espaços como pertencentes à natureza:

ECO-REBEL

Elementos linguísticos que caracterizam o espaço		
A cigarra e a formiga (Esopo)	A formiga boa (Monteiro Lobato)	A formiga má (Monteiro Lobato)
Bosque Folha pesada Verão Inverno Formigueiro	Formigueiro Tulha Chuva Galinho seco Formigueiro Dias de sol	Europa Inverno Primavera

Fonte: A autoria própria (2022)

De acordo com Couto (2016), o território é um elemento muito importante para a caracterização de uma comunidade. Dessa maneira, os substantivos mobilizados para a indicação do lugar nas narrativas “A cigarra e a formiga” e “A formiga boa” indicam uma interação harmoniosa entre personagens e espaço, isto é, entre a comunidade de formigas que acolheu a cigarra e seu respectivo território. Já na fábula “A formiga má” só há a indicação da Europa como macroespaço e suas estações como antagônicas entre si e com valores opostos, isto é, em que o inverno tem valor negativo e a primavera tem valor positivo para a vida. Também é importante mencionar que essa terceira narrativa não nomeia o lugar onde as formigas vivem, o que caracteriza uma interação desarmoniosa entre comunidade e território. Ainda no que diz respeito às estações antagônicas, cabe aqui ressaltar que elas servem como uma demarcação temporal, sendo que o tempo aqui pode ser visto como a relação das personagens com o seu meio ambiente.

É importante ressaltar que o tempo no qual a obra foi produzida e o tempo da narrativa são dois aspectos diferentes. Quando se fala na narrativa em sua imanença, trata-se de um tempo fictício que é inserido na história a fim de situar os acontecimentos. Esse tempo, entretanto, pode ser datado ou não.

O tempo datado, principalmente se for escolhido em consonância com o espaço realista, tem como propósito situar a história em determinado período histórico de modo que os acontecimentos sejam verossímeis e façam referências a momentos reais vivenciados pelas pessoas. Há a possibilidade, também, de se tratar de um tempo datado no futuro, no qual já não há compromisso com a realidade, mas entra-se no campo da fantasia e/ou distopia. O não datado já é

ECO-REBEL

uma escolha que se faz quando a marcação temporal não tem tanta influência assim no enredo e nas interações que ocorrem na narrativa.

No caso das fábulas aqui em análise, nota-se que a expressão “era uma vez” é utilizada na versão de Esopo, apenas reforçando a ideia de um tempo indeterminado, provavelmente longínquo, que não interfere de modo expressivo no desenrolar dos acontecimentos. A atemporalidade é justamente o que confere atualidade a essas histórias. Nas três fábulas, a marcação do tempo em si não é o mais relevante, mas sim a passagem do tempo. Essa passagem é evidenciada pela mudança de estações, visto que nas três versões há a transição entre o verão/primavera para o inverno, e é a partir dessa mudança que as interações são percebidas.

Essa ideia de tempo transcorrido também é notada na passagem: “Para a cigarra, o que importava era aproveitar a vida, e aproveitar o hoje, sem pensar no amanhã. Para que construir um abrigo?” (ESOPO, 2020, p. 05). Aqui, os advérbios hoje e amanhã não são usados em seu sentido literal, visto que não se sabe a que corresponde o hoje e o amanhã da fábula. Entretanto, compreende-se que se trata da passagem do tempo, que tais expressões correspondem a ideias pré-concebidas de presente e futuro, de agora e depois.

Essas relações entre as personagens com seu espaço e tempo também afetam a interação das personagens e o narrador e a caracterização dos respectivos meios ambientes sociais.

Elementos linguísticos que caracterizam as personagens		
A cigarra e a formiga (Esopo)	A formiga boa (Monteiro Lobato)	A formiga má (Monteiro Lobato)
Cigarra Formiguinha Formigas Rainha do formigueira	Jovem cigarra Formigueiro Animais Pobre cigarra Formiga friorenta Amiga Alegre cantora	Formiga má Cigarra Usurária sem entranhas, invejosa

Fonte: Autoria própria (2022)

Apesar do narrador não ter participação na história, a escolha dos elementos linguísticos denota uma relação entre narrador e personagens, conforme pode ser percebido na tabela acima. As três fábulas compartilham entre si a organização da comunidade por meio da dinâmica do

ECO-REBEL

trabalho em conformidade com a estação do ano, isto é, trabalhar para guardar comida para o inverno. Entretanto, essa organização fica mais explícita dependendo dos elementos linguísticos utilizados; a caracterização das personagens também muda.

A narrativa de Esopo apresenta essa divisão do trabalho de maneira mais explícita quando delimita a relação de hierarquia entre a formiguinha e a rainha do formigueiro, do mesmo modo com o ofício da cigarra como cantora. Outro fator interessante sobre a fábula de Esopo está no uso do diminutivo para a formiguinha, o que expressa um sentido de bondade e delicadeza condizentes com a postura da personagem ao acolher a cigarra no inverno.

Já as duas narrativas de Monteiro Lobato – “A formiga boa” e “A formiga má” – acrescentam o uso ostensivo de adjetivos para as personagens, de modo a caracterizá-las dentro de sua função na divisão do trabalho. Em “A formiga boa”, os adjetivos jovem e pobre (para a cigarra) e friorenta (para a formiga) criam um efeito de sentido de fragilidade, o que congrega as duas personagens no infortúnio causado pelo inverno. Em “A formiga má”, os adjetivos (má, usurária, invejosa) são aplicados somente para realçar a vilania e o individualismo da formiga. Desse modo, é possível estabelecer uma oposição entre a representação do meio ambiente social de “A formiga boa”, e o meio ambiente social de “A formiga má”. Na primeira, nós temos a marcação de uma comunidade harmoniosa organizada em seu labor. Na segunda narrativa, nós temos a ausência da comunidade, de maneira a ressaltar o individualismo e os sentimentos ruins que quebram a harmonia na comunidade e na sua relação com o espaço.

Ademais, a relação entre narrador e personagens é propícia de ser observada em um gênero como a fábula, visto que, além dos elementos linguísticos utilizados no decorrer do texto, a perspectiva do narrador também é revelada no final, com a moral. Dessa forma, é possível apreender qual o posicionamento do narrador diante da história apresentada. Na fábula de Esopo, independente da cigarra ter sido acolhida no final, é notável que seu ofício de cantar não é visto como um trabalho de verdade ou, então, é visto como um trabalho menos sério e importante do que o trabalho das formigas. A moral, “trabalhe duro hoje e colherá os frutos amanhã”, coloca-se para ensinar sobre a importância do trabalho na organização social da comunidade em seu território. Já na fábula de Lobato, a moral – os artistas – “poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade” – direciona para a valorização da arte como um trabalho, de modo a mostrar como a força de trabalho do artista é indispensável para o bem-estar da comunidade. Dessa forma, o enredo e as interações na história vão se desenrolando de acordo com a moral a ser exposta.

ECO-REBEL

A moral tem ainda relação com o período no qual a obra foi produzida. Considerando a narrativa como uma representação da realidade, conforme já foi mencionado, depreende-se de cada moral uma revelação de valores – instituídos ou que se deseja instituir – de seu tempo. Pode-se dizer, dessa forma, que se trata da mentalidade de uma época, ou seja, a interação comunicativa entre as personagens e a elaboração da moral consistem em uma representação do meio ambiente mental, visto que é na nossa memória que armazenamos os valores e modos de conduta aprendidos em sociedade.

Essa oposição entre o modo de conduta da cigarra e da formiga aparece nas fábulas de Monteiro Lobato não apenas na moral final, mas também nos diálogos, como se vê abaixo:

A formiga boa (Monteiro Lobato)	A formiga má (Monteiro Lobato)
<p>(...) A formiga olhou-a de alto a baixo: - E que fez durante o bom tempo, que não construiu a sua casa? A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse: - Eu cantava, bem sabe... - Ah!... – exclamou a formiga recordando-se - Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas? - Isso mesmo, era eu... - Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter você como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo. (LOBATO, 2008, p. 24).</p>	<p>Mas a formiga era usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra, por vê-la querida de todos os seres. - Que fazia você durante o bom tempo? - Eu... eu cantava! - Cantava? Pois dance agora, vagabunda – e fechou-lhe a porta no nariz. Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava no mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela? (LOBATO, 2008, p.27).</p>

Fonte: autoria própria (2022)

Esses diálogos demonstram duas valorações do trabalho artístico da cigarra. Em “A formiga boa” há o reconhecimento da contribuição da arte para a comunidade, como alívio e alegria. Já em “A formiga má”, a ausência de marcação da comunidade ajuda a demonstrar como o individualismo, a avareza, a usura e a inveja configuram um comportamento de perseguição ao trabalho do artista. É possível reconhecer o modo de conduta da prudência em oposição ao modo

ECO-REBEL

de conduta conhecido como *carpe diem*. Assim, a formiga e a cigarra instruem para um equilíbrio entre o viver o presente e o cuidar do futuro.

Contudo, ao final dessa segunda narrativa, o narrador convoca o leitor à reflexão sobre a possibilidade de uma vida sem a arte. Dessa forma, nota-se que as fábulas veiculam diferentes discursos sobre o trabalho artístico, discursos esses que só são identificados pela contraposição de seus elementos linguísticos e interações.

Uma síntese do exposto encontra-se abaixo:

Aspectos da interação	Interação ficcional
Interactantes	Personagem-personagem Personagem-espço Personagem-narrador
Tempo	Datado Não datado
Espço	Espço realista Espço imaginativo Espço fantasista

Fonte: Autoria própria (2022)

4. Considerações finais

Essas breves considerações exemplificam de que modo os elementos interactantes, tempo e espaço podem ser observados em textos ficcionais, especificamente narrativas, de modo a permitir uma análise segundo o viés da ADE. Identificar esses aspectos da narrativa, entendê-los e olhar para as interações que daí decorrem permite ao leitor e/ou pesquisador chegar aos discursos que estão sendo difundidos por essa narrativa e, posteriormente, posicionar-se diante deles, visto que posicionar-se em prol da ecoideologia faz parte do trabalho desenvolvido dentro da ADE.

É importante ressaltar que esse percurso indicado é apenas uma sugestão, ainda a ser melhor desenvolvida, que pode ser aplicada no estudo de narrativas ficcionais. Espera-se que a articulação entre a literatura e a ADE fomenta as pesquisas nessa perspectiva e abra novos caminhos a serem traçados, de modo que os campos teóricos possam se enriquecer mutuamente e que novas interpretações possam ganhar espaço.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ECO-REBEL

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, p. 139-159, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura infantil*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COUTO, Elza Kioko Nakayama do. 10 anos de Ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretações. In: *Linguística Ecológica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes Editores, p. 45-64, 2017.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.
<http://www.ecoling.unb.br/images/ADE.pdf>

COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. In: COUTO, H. et al. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

ESOPO. *A cigarra e a formiga*. Projeto "Leia para uma criança". 1ª edição, 2020.

HEITICH, Paulo Ricardo. Paul Ricouer: A Tríplice Mímese. In: *IX SEMANA ACADÊMICA DE FILOSOFIA*. UNICENTRO, 2010.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

RICOUER, P. *Temps et Récit I*, Paris, Seuil. 1983.

SILVA, Anderson Nowogrodzki da. O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecossistêmica. *BOLETIM DO GEPLÉ (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecossistêmica)*, n. 10, p. 16-21, 2022.
<http://www.ecoling.unb.br/images/numero10.pdf>

Aceito em 20 de abril de 2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 2, 2023.